

# Dar a ler e a pensar

<https://doi.org/10.34112/2317-0972a2016v34n67p9-10>

DAVINA MARQUES<sup>1</sup>

OS TEXTOS QUE APRESENTAMOS NESTA EDIÇÃO DA *LEITURA: TEORIA & PRÁTICA* trazem leituras que vão desde estudos sobre manuscritos até reflexões sobre a literatura em avaliações, vão do pensar as dificuldades de leitura a questões sobre a pauta da mídia; passam pela conceituação do que seria um livro e sobre a *necessidade do impossível: pensar, ensinar, ler...* Os textos se apresentam por si. Dão-nos uma visão do enorme escopo que o tema “leitura” abrange.

Leitura, no campo da educação, tem a ver com o que se oferece a estudantes em sala de aula. *Dar a ler e a pensar. Pensar*, como em seu texto observa Walter Kohan, não como técnica, mas como um movimento de sensibilidade às necessidades do outro. *Pensar* para poder observar, analisar, desconfiar, acolher ideias e pessoas... Assim *ler*.

Em um momento em que as leituras se radicalizam a ponto de promoverem intolerância e descolamento-distanciamento das necessidades do outro, a Associação de Leitura do Brasil se põe a trabalhar *nas dobras do (im)possível*, tema do 20º Congresso de Leitura do Brasil (COLE). Nessas mesmas dobras, pus-me a lembrar um texto de Michel Foucault, em que o filósofo apresenta o livro *O anti-Édipo*, de

1. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, Hortolândia, SP, Brasil.

Gilles Deleuze e Félix Guattari<sup>2</sup>, no prefácio à edição americana. Foucault afirma que o livro confronta três grupos de adversários: “os burocratas da revolução e os funcionários da verdade”, “os técnicos do desejo” e o “fascismo” do nosso cotidiano, que ronda o nosso fazer-agir, “que nos faz gostar do poder” e “desejar essa coisa mesma que nos domina e explora”.

Apresentando o livro como um livro de ética, Foucault lista seus “princípios essenciais”: liberar a ação política de toda forma de paranóia unitária e totalizante; fazer crescer a ação, o pensamento e os desejos por proliferação, justaposição e disjunção (não por subdivisão e hierarquização piramidal); livrar-se das velhas categorias do Negativo (a lei, o limite, as castrações, a falta, a lacuna) que por tanto tempo o pensamento ocidental considerou sagradas como formas de poder e modos de acesso à realidade (mais interessante é buscar o que é positivo e múltiplo, a diferença à uniformidade, os fluxos às unidades, os agenciamentos móveis aos sistemas; lembrando que o que é produtivo não é sedentário, mas nômade); lembrar que não é preciso ser triste para ser militante, mesmo quando se combate o abominável (a ligação do desejo com a realidade é que possui força revolucionária); não utilizar o pensamento para dar a uma prática política um valor de Verdade nem a ação política para desacreditar um pensamento (como se ele não passasse de pura especulação); utilizar a prática política como um intensificador do pensamento, e a análise como multiplicador das formas e dos domínios de intervenção da ação política; não exigir da política que ela restabeleça os “direitos” do indivíduo tal como a filosofia os definiu (o indivíduo é produto do poder – é preciso é “desindividualizar” pela multiplicação e o deslocamento, o agenciamento de combinações diferentes; o grupo não deve ser o liame orgânico que une indivíduos hierarquizados, mas um constante gerador de “desindividualização”); e o conselho final: não se apaixonar pelo poder. (Cf. FOUCAULT, 1993, p. 198-199).

*Dar a ler e a pensar*, nessa linha, tem a ver com “[...] o banimento de todas as formas de fascismo, desde aquelas, colossais, que nos envolvem e nos esmagam, até as formas miúdas que fazem a amarga tirania de nossas vidas cotidianas” (FOUCAULT, 1993, p. 200).

Boas leituras!

2. Prefácio à edição americana de *O anti-Édipo. Capitalismo e esquizofrenia*, de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Foi retomado em *Dits et écrits*, de Foucault (Gallimard). O título é da redação do *Magazine Littéraire*, em que foi publicado pela primeira vez em francês. Notas do tradutor Fernando José Fagundes Ribeiro.